

---

## *Molecagem e “cearensidade”: o humor na produção da cultura*

*Molecagem and “cearensidade”: humour and cultural production*

Francisco Secundo da Silva\*

---

**Resumo:** O presente artigo busca pensar como o humor, expresso na ideia de *Ceará moleque*, se enreda no trajeto cultural e histórico de uma realidade social. A referida ideia que implica uma interpretação sobre o que faz ser cearense é gestada em narrativas, discursos e ações desde os fins do século XIX. Nos meados dos anos 1980, um grupo de artistas (alguns vindos das artes cênicas) começou a fazer *shows* de humor em bares, pizzarias e barracas de praia, nas noites da cidade de Fortaleza, afora o início dos chamados humoristas do Ceará. Hoje, esses profissionais do humor são tomados como os atuais representantes de uma “cultura cearense” e fazem desse estado nordestino a “Terra do humor” para o turismo regional. Pretendo demonstrar como a dita verve humorística do Ceará entra na dinâmica da produção cultural.

**Abstract:** The present article seeks to understand how humor, printed in the idea of *Ceará moleque*, is fixed to the cultural and historic trajectory of a social reality. This referred idea which means an interpretation about what makes to be a cearense is produced through narratives, discourses and actions since the ending of the 19<sup>th</sup> century. In the middle of the 1980’s, a group of artists (some of them from the performing arts) started to present humor shows at bars, pizza parlors and beach huts in the nights of the Fortaleza city. It was the beginning of the so called humorists from Ceará. Nowadays, these humorists are taken as the brand new representatives of a “cearense culture” and make that northwest state of Brazil the “land of humor” for the regional tourism. I intend to demonstrate how that such humor characteristic is involved in the dynamic cultural production.

**Palavras-chave:** humor; cultura; cearensidade.

**Keywords:** humor; culture; cearensidade.

---

\* E-mail: fcosecundo@hotmail.com

A expressão *Ceará moleque* se constitui como uma interpretação sobre *o que faz ser cearense* e implica a compreensão de um comportamento irreverente como sendo atributo natural daqueles que nascem nesse estado do Nordeste brasileiro. Desde os fins do século XIX é recorrente essa referência em romances, narrativas, textos memorialísticos e jornais. A maior parte dessa produção restringe-se ao âmbito local.

A partir de meados dos anos 1980 alguns artistas, provindos em grande parte das artes cênicas, passaram a fazer apresentações humorísticas em bares, pizzarias e teatros de Fortaleza. Tais artistas foram logo tomados como os mais novos representantes da “molecagem ou gaiatice do povo cearense”, fora o início dos chamados humoristas do Ceará. Em tempos atuais, esses artistas cresceram em número e nos períodos da chamada *alta estação turística* para o estado (julho, janeiro e fevereiro). Os *shows* de humor protagonizados por eles em Fortaleza recebem um público grande, chegando, em alguns estabelecimentos, a mais de mil pessoas por apresentação.

Hoje, no estado, os meios de comunicação, os governos (estadual e municipais), alguns parlamentares (vereadores e deputados), intelectuais e os próprios humoristas, todos esses porta-vozes *autorizados* (BOURDIEU, 1996) reforçam nos seus discursos e ações a ideia de um *Ceará moleque* ou da *molecagem* como uma marca cultural do cearense. Mas como tal interpretação sobre a cearensidade surgiu? Quais elementos contribuíram para que os ditos humoristas se tornassem atração turística para o estado hoje? Há mesmo uma verve humorística própria dos cearenses? É na tentativa de responder a tais questionamentos que desenvolvo o presente artigo.

### ***Teia de significados: meninice, canalhice, não nobreza ou expressão de rebeldia?***

Chamar alguém de moleque em discussão acalorada no Brasil é tentar rebaixar o *outro*, sinal de desrespeito e motivo de acirramento do embate – “Você não é um homem, é um moleque!” Segundo definição do *Novo dicionário da língua portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda (1986), a referida palavra provém do *quimbundo* (língua, idioma ou dialeto africano *banto* ou *bantu*) *mu’leke*, e tem as seguintes acepções: “*S.m.* 1. Negrinho. 2. Indivíduo sem palavra, ou sem gravidade. 3. Canalha, patife, velhaco. 4. *Bras.*, Menino de pouca idade. [...]. 6. *Bras.*, *CE Pop. v. diabo* (2). *Adj.* 7. Engraçado, pilhérico, trocista, jocosos: *dito moleque*. 8. Canalha, velhaco.” (p. 937).

Raimundo Girão (2000), no seu *Vocabulário popular cearense*, publicado originalmente em 1967, entende que a palavra em foco tem duas formas válidas: moleque ou muleque: “s.m. Preto ou quase preto (pessoa) = Canalha, sem-vergonha, patife = Rapazote bem moreno [...]. Molecagem ou molequice é incorreção de atitude, de procedimento e, também, sem-vergonhice. Molecada ou molecório – a ralé, gentinha”. (p. 268).

O campo semântico dessa palavra demonstra que ela não é apenas uma herança africana incorporada ao léxico da língua portuguesa do Brasil. O sentido de *canalhice*, por exemplo, é provavelmente oriundo do modo como o negro foi incorporado ao passado brasileiro. Nos tempos do regime escravista, o moleque, o menino negro, podia ser enquadrado como um *escravo doméstico* junto com mucamas, pajens e amas-de-leite, vivendo nas Casas Grandes, perto dos seus senhores, servindo de “garoto de recados” e realizando pequenas tarefas. (SCHWARCZ, 1996). O *estigma* – marca ou sinal distintivo que coloca o indivíduo ou o grupo em uma situação de *inabilitado para a aceitação social plena* (GOFFMAN, 1988) – impresso no corpo de homens, mulheres e crianças negras, submetidos ao cativo, se agarrou à palavra, certamente.

O epíteto *Ceará moleque* aparece em impresso, pela primeira vez (até onde sei), numa obra literária publicada em formato de folhetim, no rodapé da página, de um jornal da capital cearense nos tempos do Império. O número 32 do jornal *O Libertador*, de Fortaleza, em 6 de fevereiro de 1889, começou a publicar *A Afilhada*, de Manuel de Oliveira Paiva, um romance de feição realista-naturalista. O enredo, ambientado na cidade de Fortaleza, trazia como personagens principais: a estudante do colégio das Irmãs de Caridade, Maria das Dores, a Mariinha; o desembargador Osório Pereira de Góis, do Partido Liberal Moderado da cidade, e D. Maria Fabiana de Góis, “sertaneja da era dos senhores territoriais”, que eram os pais de Das Dores; Vicente (o *Centu*), sobrinho de D. Fabiana que estudou Engenharia na Escola Militar do Rio de Janeiro; e Antônia, a afilhada do casal Góis.

Na trama, o apelido em foco aparece na forma de um comentário do narrador. O contexto é o seguinte: Vicente, o jovem educado na sede do Império, o Rio de Janeiro, escutava sua tia, D. Fabiana, falar sobre tal Visconde de São Galo, o qual segundo ela era um “nobre titular” da cidade de então. Dona Fabiana aspirava casar sua filha com o referido Visconde, apesar da discordância do marido, o desembargador Osório. Assim, a sra. Góis só tinha elogios para o propalado nobre.

No meio da conversa, como era hábito seu adquirido, trazia sempre o Visconde de São Galo. Conhecia-o? O chefe da nobreza da província. Não? Digno dos nossos antepassados! O desembargador ou concordava, ou não tugia. Mas o engenheiro é que ficou embatucado.

Senhor, que nobreza era aquela no Ceará moleque?! Enfim, como não conhecia aquilo bem... (PAIVA, 1993, p. 188).

O *Ceará moleque* aqui significa *não-nobreza, atraso*. O narrador parece querer dizer: *como poderia haver alguma família ou pessoa nobre naquela província atrasada? Era uma fidalguia cabeça-chata isso sim!* A compreensão era de que Fortaleza nunca fora uma *cidade nobre*, nunca fora aristocrática e, mesmo naquele período, com as poucas mudanças urbanas pelas quais passava, ainda estava longe de ser uma cidade *moderna e civilizada*.

Outras obras literárias ou de crônica histórica que retrataram a cidade de Fortaleza, no período de transição do século XIX ao XX, trazem o epíteto em questão com significados como *canalhismo* e *meninice*.<sup>1</sup> Em pesquisa anteriormente realizada,<sup>2</sup> constatei que o uso de expressões como *Ceará moleque*, *irreverência* ou *molecagem* e *gaiatice inata do povo cearense* foi recorrente nos escritos de romancistas, cronistas e ensaístas, que abordaram aspectos anedóticos da história e da vida cotidiana no Ceará desde os fins do século XIX.

Ao abordar o modo como a cidade de Fortaleza aparece na literatura do século XIX, Zilda Maria de Menezes Lima (2002) ressalta que, no período compreendido entre os anos finais do século XIX e as primeiras décadas do século XX, ocorreu uma série de mudanças na capital cearense que foram registradas pela literatura ou, de outro modo, sobretudo, mudanças que se transformaram em literatura. Assim, aponta a autora os textos literários tornaram-se excelentes termômetros das transformações nos valores éticos, sociais e mentais ocorridos à época. “Acreditamos que a literatura deve ser vista como experiência humana, como parte constitutiva do social e, portanto, reveladora de sentimentos e desejos”. (LIMA, 2002, p. 43).

Alguns cronistas da história do Ceará anotaram e reforçaram a ideia de uma *tradicional molecagem cearense*. É interessante observar que um *comportamento* ou *espírito moleque* só foi suscitado quando as lembranças se dirigiam a uma pregressa Fortaleza e à sua vida cotidiana. De maneira geral, as memórias se reportam à capital cearense, quando ela passava por algumas transformações espaciais ocasionadas pela instalação de poucos equipamentos urbanos e por uma maior atividade comercial.

Certos episódios anedóticos ou acontecimentos curiosos que tenham ocorrido em Fortaleza foram narrados por alguns desses memorialistas como a expressão da irreverência *inata do povo cearense*. Ao descreverem saudosamente a cidade na qual viveram sua infância e juventude, alguns desses escritores atribuíram um sentido positivo e até, às vezes, enaltecendor à paisagem natural, aos lugares, às pessoas e mesmo aos acontecimentos mais inusitados que quebrassem o ritmo da vida diária.

Rodolfo Teófilo (1853-1932), sanitarista, farmacêutico e romancista – nascido por força de circunstâncias em Salvador-BA, pois como costumava dizer, “sou cearense porque quero” –, se referiu ao apelido no seu livro de crônicas *Coberta de tacos*, publicado em 1931. Em um dos textos, ele relata que, em uma festa particular, um presidente de Estado vaiou um homem embriagado “com longos e finos assobios”. Então, Rodolfo Teófilo explica tal atitude: “É que os cearenses são irreverentes por índole, garotos por temperamento..., tanto que os nossos maiores chamavam a nossa terra: Ceará-Moleque”. (Apud MONTENEGRO, 2001, p. 163). Aqui, a *índole irreverente do povo cearense* é entendida como *garotice*.

Raimundo Álvaro de Menezes (1903-1984), nascido em Fortaleza, formado em Direito, foi delegado, dicionarista, ficcionista, biógrafo e cronista histórico. Na década de 1930, escreveu uma série de crônicas sobre uma “Fortaleza de outrora”, publicadas no jornal *Gazeta de Notícias* e que mais tarde foram lidas na *PRE-9* (Ceará Rádio Clube) no programa “Coisas que o tempo levou”. Em 1938, essas crônicas históricas foram reunidas em um livro sob o mesmo título do programa radiofônico. Elas descreviam, entre outras coisas, algumas *figuras exóticas* ou *tipos populares* que perambulavam pelos logradouros públicos e que, devido às suas excentricidades, constituíram-se em motes de curiosos e divertidos episódios. Dentre esses tipos, o cronista destaca o famoso caprino “bode Yoyô” como sendo “um dos tipos mais populares e queridos da Fortaleza de outrora”; segundo Menezes (2000, p. 181), “era uma espécie de mascote da capital daqueles tempos, uma figura obrigatória na pacatez da cidade provinciana”.

O animal teria sido trazido para Fortaleza por um retirante, na seca de 1915, e vendido à firma *Rossbach Brazil Company*, localizada próxima do antigo porto, onde atualmente é a Praia de Iracema. O caprino perambulava pelas ruas sem ser importunado; “nem sequer os fiscais municipais” proibiam-no de passear “com o seu cheirinho acentuadamente característico”. (MENEZES, 2000, p. 184). Conforme esse memorialista, o bode levava uma “vida de boêmio” – há relatos de que as pessoas lhe davam bebidas alcoólicas

nos quiosques da Praça do Ferreira – e faleceu no ano de 1931, já velho, tendo seu necrológico sido publicado em jornais da época. A firma proprietária do bode mandou embalsamar o corpo e ofereceu ao Museu Histórico do Estado. Hoje, no referido Museu do Ceará, o empalhado bode Yoyô está identificado com a seguinte descrição de Raimundo de Menezes (2000, p. 185): “O Bode Yoyô é bem a imagem do espírito irreverente e profundamente irônico dos filhos desta gleba heróica de sofrimento.”

Essas referências literárias e de crônicas ao *Ceará moleque* chamou a atenção de historiadores influenciados pelos estudos históricos voltados à vida cotidiana, aos comportamentos e às mentalidades. Essa nova análise histórica, no geral, assinala que a referida ideia indicava um comportamento refratário aos ditames de uma “sociabilidade burguesa”, que as elites econômicas e as autoridades governamentais procuraram programar no País a partir, principalmente, do século XIX.

Sebastião Rogério Ponte (2001), no seu *Fortaleza belle époque*, aponta que o “comportamento moleque” dos habitantes de Fortaleza, desde os fins do século XIX, chocava o “mundanismo chique” e afrancesado das elites locais. Para esse autor, a “irreverência cearense” com seu “riso moleque” causava espanto e, mesmo, desprezo à nova ordem civilizatória manifestada nas cafeterias, lampiões a gás e bondes. O *Ceará moleque*, então, teria sido identificado como uma *irreverência chocante*, não necessariamente contrária ao mundo urbano e civilizado que se tentava implementar, mas como sinal de inquietação e rebeldia providas de uma estrutural inadequação do *povo pobre* à vida na cidade moderna.

Segundo Marco Aurélio Ferreira da Silva (2003), a *molecagem* estava associada ao *povo pobre* ou a todos aqueles que, de alguma maneira, não observavam as formas de comportamento consideradas lícitas de uma sociedade dita civilizada. Para esse historiador, a *molecagem* fora tomada como própria dos populares, chamados muitas vezes de “arraia miúda”, “pés-de-poeira”, “povo chinfrim”, “a canalha”. Logo, o *Ceará moleque* estaria associado a um determinado lugar social.

O riso e a molecagem são de alguns. Pertencem a um grupo à parte e sem pudor, cujo autor se exclui. Este grupo estaria identificado com todos aqueles que não seguiam uma pauta de condutas civilizadas e que, muitas vezes, foram associados ao que se convencionou chamar de “arraia miúda” ou povo pobre. (SILVA, 2003, p. 23).

Para José de Souza Martins (2000), o deboche e o riso são marcantes na cultura brasileira e surgem como uma “crítica mutilada à nossa modernidade anômala”. Segundo ele, o *moderno* ou o *civilizado* no Brasil é inautêntico e “nossa consciência crítica” acerca disso se expressa pelo deboche; não é com uma reivindicação social organizada ou com a crítica social propriamente dita sobre os rumos da modernização. É o deboche que está na origem de “nossa crítica mutilada”. (MARTINS, 2000, p. 32). Esse *Ceará moleque* associado ao *povo pobre* seria, então, o retrato próprio de uma *cultura cômica popular* do brasileiro? Aproximando-se do que fala Martins (2000), tal cultura surge na desengonçada e caricatural junção do que é *moderno* com o que não é; “na forçada convivência de relações desencontradas, culturas justapostas e desfiguradas pela justaposição”.

A análise historiográfica e sociológica, certamente, demonstra o que há de construção social e circunstância histórica na formação dessa representação social que é a molecagem do *povo cearense*. É importante ressaltar, no entanto, que o discurso historiográfico e científico consagra “um estado das divisões e da visão das divisões” do mundo social. (BOURDIEU, 1996). Assim como diz Pierre Bourdieu (1996), os vereditos mais *neutros* da ciência contribuem para modificar o objeto da ciência. Qualquer enunciado sobre esse *objeto* funciona como um *argumento* que contribui para favorecer ou desfavorecer o acesso desse *objeto* ao reconhecimento e, por essa via, à existência.

A palavra *moleque* carrega consigo a marca do *estigma*, mas os sentidos aos quais se direciona são variados e não estão inerentemente agarrados aos seus significados. O epíteto *moleque* dado ao *povo cearense* se delinea numa marca cultural ou num traço de *distinção* que, nas narrativas literárias, toma um sentido pejorativo, nas crônicas dos memorialistas, o de garotice saudosa, e, nos discursos historiográfico e científico manifesta o caminho de uma rebeldia velada, ou não consciente ou, ainda, de uma inadequação do povo ao projeto civilizatório brasileiro.

O *Ceará moleque* não é apenas uma representação de certas imagens, situações e figuras anedóticas e/ou engraçadas sobre o passado do Ceará. A dita expressão vai se tecendo ao longo dessa *teia de significados* (GEERTZ, 1978), constituindo, assim, a realidade dessa configuração social chamada sociedade cearense; ela evoca e tece uma cultura. Para que se entenda a referida alcunha como uma *representação social*, é preciso compreender o que Sulamita Vieira (2000, p. 28) afirma: “Estudar representações sociais é fazer, dentre outras coisas, o exercício de desvendar a complexidade do seu processo de construção, o que implica analisar a própria dinâmica da cultura.”

A molecagem ou a ideia de uma “irreverência inata cearense” se constitui como uma leitura/escrita do mundo que contribui para compor esse mesmo mundo. Dentre as várias interpretações sobre uma identidade local (o vaqueiro, o sertanejo, a rendeira, o pescador), a molecagem figura como mais um modo de dizer *o que faz ser cearense*. Interpretações que estão ligadas a variados esquemas de percepção, classificação e ordenação de mundo dos quais todas as falas, imagens e discursos, enfim, todas essas práticas sociais compartilham o seu tempo e lugar.

### O humor do Ceará: o melhor do Brasil?

No ano de 1986, o *Casbar* – antigo bar localizado na Avenida Abolição, em Fortaleza – começou a apresentar, em todas as quintas-feiras à noite, quadros de uma peça teatral encenada pelos atores Paulo Diógenes e Neidinha Castelo Branco, intitulada “O que vocês não vão pensar”. Segundo Paulo Diógenes, a dona do referido bar, Ana Rizato, assistiu ao espetáculo e fez o convite aos atores. Paulo fazia o papel de uma mulher que levava a filha para o cabaré na intenção de que essa se tornasse dançarina e *striper*. Depois de algum tempo, a dupla se desfez, e ele passou a fazer, sozinho, as apresentações, enquanto Neidinha deslocou-se para a produção. Daí nasceu a *Raimundinha Jereissati*, principal personagem desse ator e humorista: uma *mulher* que usa maquiagem pesada e que tem uma personalidade por demais extrovertida. Atribuo a esse acontecimento em particular como sendo um dos marcos fundadores do movimento de humorismo de bar no Estado do Ceará.

Atualmente, em todas as noites da semana, na capital cearense, é possível assistir a espetáculos humorísticos em diversos estabelecimentos. Alguns humoristas se tornaram proprietários de bares e restaurantes, os quais têm o propósito de apresentar, quase exclusivamente, *shows* de humor. Nesses *shows*, de modo geral, os seus protagonistas fazem humor usando personagens caricatas, homens travestidos de mulheres extravagantes no vestuário e na maquiagem forte, matutos, empregadas domésticas, homossexuais, todos contando piadas licenciosas com referência ao “baixo corporal” (BAKHTIN, 1999) e ao sexo, e interagindo (ou “frescando”, como sublinharia um *expert* em vocabulário “cearês” para os turistas) com o público assistente.

Alguns desses artistas têm espaço nos meios de comunicação locais com programas semanais, e outros conseguem se destacar em programas humorísticos e de auditório, com audiência nacional desde 1990. No que

tange à mídia nacional e à visão que dela decorre do cearense como *engraçado, moleque*, lembramos a onipresença de Renato Aragão e Chico Anysio, além de figuras como Tom Cavalcante e (o agora deputado federal por São Paulo) Tiririca.

Faz-se deveras importante aqui um parêntese. A trajetória artística dessas duas grandes figuras do humor nacional: Renato Aragão (nascido em Sobral-Ce) e Chico Anysio (Maranguape-Ce) foi diferente da trajetória dos artistas que qualifico aqui de humoristas do Ceará. Aqueles surgiram como protagonistas de programas humorísticos nacionais em 1960 e 1970 depois de terem trabalhado no rádio e no teatro. Os referidos humoristas do Ceará têm sua carreira iniciada com o humorismo de bar de Fortaleza, o qual remonta em suas origens a meados dos anos 1980 na capital cearense.

Aliás, o sucesso televisivo em âmbito nacional dessas duas figuras e de muitos dos ditos humoristas do Ceará se constitui como uma variante decisiva para a expansão desse movimento de humor e da sua ascensão à atração turística do estado. Conforme Flávia Marreiro (2003), esses humoristas contribuíram para a *atualização* e a *permanência* de uma *irreverência cearense* implicando que essa, entre outras consequências, seja simbolicamente interpretada na “construção da imagem nacional do Ceará e a sua autoimagem”. Ainda segundo essa autora, essa *marca cearense* foi apropriada “pela indústria cultural e a do turismo”, que cresceram em importância econômica, ao longo da década de 1990 no Ceará, e que procuravam promover *atrações culturais* para o estado.

Nos escritos literários e de crônica histórica, a irreverência moleque do Ceará fora decantada em verso e prosa, mas tal produção se restringia ao âmbito local, como já tinha sido avençado. Os artistas do riso da “terrinha” (como é conhecido o Ceará entre os seus conterrâneos), por sua vez, ao alcançarem destaque nos meios de comunicação do Centro-Sul do País, contribuíram para a *nacionalização* desta *molecagem cearense*.

Numa reportagem intitulada “Cearense ri apesar da crise”, de dezembro de 1991, o jornal *O Povo* indicava Tom Cavalcante como o “novo sucesso nacional”, aludindo, para tanto, a sua participação no programa *Escolhinha do Professor Raimundo*, de Chico Anysio, produzido e veiculado, amplamente, pela Rede Globo de Televisão. Antes de apresentar o citado humorista, a matéria ressaltava uma “capacidade de rir do próprio sofrimento” como mote para o surgimento de um *Ceará moleque* e, esse, segundo o dito texto jornalístico, vivia “tempos de explosão nacional”: “Depois da consagração de Chico Anysio e Renato Aragão, o sucesso começa a chegar para Tom

Cavalcante e mais uma trupe de esrachados artistas que [...] tomam conta da cidade e prometem agora ganhar o País”. (*O Povo*, 1991, p. 1D).

A propósito, Fortaleza, em meados de 1990 já fora alcunhada como a “Capital da Piada” no Brasil pelos meios de comunicação de circulação nacional justamente em referência à proliferação de *shows* de humor nos espaços já mencionados. Tornou-se comum, hoje, os guias turísticos de Fortaleza anunciarem como um dos atrativos da cidade as apresentações humorísticas – “Sorria, você está no Ceará.”

Ainda sobre a *nacionalização* do humor cearense, um grupo de humoristas do Ceará, em 18 de dezembro de 2011, saiu vencedor do quadro “Quem chega lá?” apresentado no programa *Domingão do Faustão*, da Rede Globo de Televisão. Aliás, desde 2008, quando o quadro surgiu, até então, todos os vencedores eram humoristas que atuam no Ceará.<sup>3</sup> O extinto programa *Show do Tom*, da Rede Record de Televisão, apresentado pelo humorista Tom Cavalcante, entre 2004 e 2011, também premiou vários humoristas cearenses com o seu “Festival de Piadas” ao longo de suas sete temporadas como Luis Antônio (a *Aurineide Camurupim*), Alex Nogueira e Anderson Justus.

A ascensão desses humoristas ao posto de atração turística e cultural para o estado, como os atuais representantes do *Ceará moleque*, concedeu a esses artistas a possibilidade de se articularem com governos e políticos a fim de reivindicarem políticas culturais de incentivo à sua arte. Entre os dias 6 e 10 de junho de 2005, a Setur-CE promoveu a “Semana do Ceará”, na cidade de São Paulo, e, em parceria com a empresa aérea TÁxi Aéreo Marília (TAM), colocou Paulo Diógenes (interpretando a sua *Raimundinha*) e Luciano Lopes (com a *Luana do Crato*) dentro de aviões em pleno voo realizando apresentações humorísticas, com duração de 10 a 20 minutos, com o objetivo deliberado de divulgar esse humor e seus protagonistas como atrativo turístico do Ceará. (BRITO, 2006, p. 110).

Em 27 de maio de 2008, a Assembleia Legislativa do Estado do Ceará homenageou os humoristas dessa terra em sessão solene, atendendo a um requerimento do deputado Augustinho Moreira (PV-CE). Esse parlamentar enfatizou: “Valorizar o humor do Ceará é valorizar a cultura de um povo.” Nessa solenidade, o humorista Lailton Melo (*Lailtinho Brega*) fez um pronunciamento, em nome dos homenageados, no qual destacou que os humoristas constituem “uma importante indústria de entretenimento” para o turismo do Ceará.

Outra ação governamental em que a atenção foi voltada a esses profissionais foi o projeto “No Ceará é assim – o melhor humor do mundo”, que, com o apoio da Setur-CE, levou ao Teatro Brigadeiro da cidade de São Paulo, nos dias 3, 4 e 5 de novembro de 2008, a “1ª Mostra de Humor do Ceará”. Os humoristas João Neto (*Zé Modesto*), Paulo Diógenes (*Raimundinha*), Lailton Melo (*Lailtinho Brega*), Ciro Santos (*Virgínia Del Fuego*), Augusto Oliveira (*Augusto Bonequeiro*), Adaildo Neres (*Adamastor Pitaco*) e Valéria Vitoriano (*Rossicléa*) realizaram apresentações nesse evento. O peculiar aqui é que o título deste “Grande *show* de humor” (integrou sete apresentações) e evocou a imagem de uma *tradição humorística* do Ceará – *No Ceará é assim*. O patrocínio do evento, pelo governo estadual do Ceará foi fruto de reivindicações dos humoristas no Executivo local.

Em janeiro de 2009, o dito espetáculo humorístico foi apresentado no Teatro do Centro de Convenções do Estado do Ceará com a direção do ator e diretor Carri Costa e teve o subtítulo modificado para: “No Ceará é assim – uma feira de humor”, uma alusão ao fato de o Centro de Convenções abrigar, periodicamente, eventos comerciais que têm, simultaneamente, conotação festiva e cultural. Dentre outras, são exemplos: Bienal do Livro; Feira da Música; Feira Internacional de Artesanato e Feira das Nações. No caso, a intenção do espetáculo, que teve direção teatral, foi encenar uma “feira popular” na qual os humoristas inseriam seus personagens.

Mais recentemente, a deputada estadual Eliane Novais (PSB-CE) tem sido alcunhada pelos humoristas como a “Madrinha do humor cearense” pelo fato de propor projetos culturais de apoio a esses artistas na Assembleia Legislativa. O Dia do Humorista, no estado, 12 de abril (data de nascimento de Chico Anysio), foi obra de projeto de lei sancionado em 2009 e de autoria da referida deputada. Desde o início do século XXI, esses profissionais do humor cearenses tentam se organizar como categoria formando um sindicato.<sup>4</sup>

Destarte, é possível pensar esse fazer humorístico como uma atividade relacionada, assim, a *mercados simbólicos* – universos sociais de partilha, consagração e crítica (BOURDIEU, 2005) – e permite sua leitura como uma ação alimentada por discursos sobre a identidade local, assim como um conjunto de ações produtoras dos mesmos. Mercados que contribuem para formar valores simbólicos e os *sentidos dos discursos*. (BOURDIEU, 1996). O humor dos *humoristas do Ceará* tem como uma de suas finalidades se tornar um *produto comercializável*, e é preciso pensá-lo, então, como uma ação que tem outros (os donos dos estabelecimentos das apresentações, produtores,

público assistente, mas, também, outros humoristas) como base de sua existência.

A ideia de molecagem, como um discurso apropriado pelos humoristas do Ceará, significa algo que *vem da raiz*, da *cultura cearense*, da qual eles se colocam como atuais representantes. Tal discurso entra como um dos motes nas reivindicações que fazem às autoridades governamentais em busca de ações, que valorizem o trabalho deles e, assim, valorizem a *cultura do povo cearense*. Nos depoimentos sobre o fazer humorístico desses artistas do riso no Ceará, o humorista Eddi Lima, a *Madame Mastrogilda*, disse o que pensava sobre a sua profissão:

O cearense ele faz piada em tudo, de tudo a gente tira uma piada, de tudo a gente faz uma onda, a gente ri das desgraças da gente [...]. Eu acho que o humor cearense, essa coisa de ser humorista, de ser engraçado, vem de raiz, é da nossa molecagem, é do jeito cearense de ser. (LIMA, 2009).

Compreendendo o trabalho exercido por esses artistas como prática cultural, concebo, igualmente, a sua arte e a ideia segundo a qual ali estaria uma irreverência típica dos cearenses, também como um *fazer-se da cultura* ou interpretação de contextos. (OLIVEN, 1983). E, nessa perspectiva, é possível falar do trabalho desses humoristas no todo, como algo que se aproxima de uma “tradição inventada”,<sup>5</sup> no sentido em que essa noção é adotada por Hobsbawm e Ranger (1997).

A nacionalização do humor cearense, pela via dos meios de comunicação e as articulações políticas entre humoristas e governos reforçam discursos e ações que sedimentam a concepção do Ceará como a “Terra do Humor”. Escritos literários, crônicas históricas, relatos jornalísticos, trabalhos acadêmicos (este, talvez) e as falas de políticos e artistas do riso no estado ajudaram a tecer uma cultura cearense baseada no humor. Estudo um Ceará que foi e é visto como *moleque* desde o fim do século XIX e que o trabalho desses humoristas está associado ao turismo no estado.

## À guisa de considerações finais

Existem variadas definições e teorias sobre o conceito de humor – algumas das quais já abordei em outro momento<sup>6</sup> – porém o que interessa aqui é perceber essa capacidade de fazer rir, de achar graça e debochar dos

outros (e, por vezes, de si mesmo) como um elemento da produção cultural de determinada configuração social. O humor, no sentido de fazer rir a si, aos outros, à custa de si e dos outros não é transcultural e muito menos *a-histórico*. (BREMNER; ROODENBURG, 2000). Ri-se de alguém ou de algo sempre em algum tempo e lugar. Pessoas de culturas diferentes, de posições sociais diferentes, riem de coisas diversas e por razões variadas. (LARAIA, 2006).

O *humor do Ceará* refere-se a um humor que é feito no terreno da cultura. Ser cearense não está apenas na condição de nascer ou viver no Ceará, não está apenas na condição de ser moleque, de ser hospitaleiro ou valente como o vaqueiro ou o jangadeiro, mas no modo como todas essas condições são organizadas e apropriadas simbolicamente. (PENNA, 1992). *A força da representação* reside no fato de que ela pode *contribuir para produzir* o que aparentemente ela descreve ou designa, ou seja, a *realidade objetiva*. (BOURDIEU, 1996). Os critérios *objetivos* da identidade regional ou étnica constituem o objeto de *representações mentais* e de *representações objetivas* (emblemas, bandeiras, insígnias), coisas ou atos. A definição dessas identidades é objeto de uma luta entre classificações. Pierre Bourdieu (1996) sugere que, para entender essa luta, é preciso superar a oposição (aparente) entre representação e realidade; é preciso incluir no real a representação do real, ou melhor, a luta entre representações do real que fazem esse mesmo real.

A *molecagem cearense* como representação, é, ao mesmo tempo, *indicação* e *aparecer*; relação a um objeto e manifestação de si. (FOUCAULT, 2007). Não se trata aqui de reforçar estereótipos ou clichês, mas de perceber como os diversos discursos, ações e representações se constituem como práticas sociais e contribuem para a constituição de uma realidade social, de como essa é vista, sentida e vivida.

A partir do que foi abordado até aqui, compreendo que, na construção do mundo social, o *mito* é tão ou mais importante que o *fato histórico*. Qualquer que seja o acontecimento, ele só se institui quando há elementos preexistentes no repertório cultural de uma sociedade, os quais emprestem sentido à formulação proposta. Por exemplo, o famoso e já citado “Bode Yoyô”, um dos símbolos da *irreverência cearense*, empalhado no Museu do Ceará, trata-se de um bode para além do que ele é, ou seja, em seu sentido referencial um bode que fora, em um tempo distante, sociável e domesticado. Bodes como *Yoyô* existiram muitos. No entanto, nem todos foram empalhados e assumiram notoriedade a ponto de se tornarem peça de museu.

Mais uma vez reafirmo: as narrativas literárias, os relatos memorialísticos, os discursos intelectuais, os programas televisivos e as ações e falas governamentais com relação aos humoristas *descrevem* e *prescrevem* uma “cearensidade” fundada na ideia de um *Ceará moleque*. Tais narrativas, ações e discursos sobre o humor do Ceará tecem uma *teia de significados* que constituem a *cultura cearense* e fazem ver e crer que no Ceará é assim mesmo: todo mundo é moleque.

## Notas

---

<sup>1</sup> Referências dessa natureza aparecem, por exemplo, nas seguintes obras literárias e crônicas: *A Normalista* (publicada em 1893), de Adolfo Caminha (1867-1897); *Um motim na aldeia [O cajueiro do Fagundes]* (1911), de Araripe Júnior (1848-1911); *Coberta de tacos* (1931), de Rodolfo Teófilo (1853-1932); *Ceará moleque* (1936), de Renato Sóldon (1903-); *Coisas que o tempo levou* (1938), de Raimundo de Menezes (1903-1984).

<sup>2</sup> Na referida pesquisa, realizada no Mestrado em Sociologia do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará (UFC), abordei a ideia de *Ceará moleque* e a sua apropriação por esse grupo de profissionais do humor. O resultado desse estudo resultou na dissertação intitulada *O Ceará moleque dá uma show: da história de uma interpretação sobre o que faz ser cearense ao espetáculo de humor de Madame Mastrogilda*, a qual foi aprovada no dia 31/8/2009, pela banca composta pelas professoras, Dra. Maria Sulamita de Almeida Viera (UFC), orientadora, Dra. Irllys Alencar Firmo Barreira (UFC) e Dra. Ângela Julita Leitão de Carvalho (Unifor), avaliadoras.

<sup>3</sup> A primeira edição, em 2008, foi vencida por Alex Nogueira; a segunda, em 2009, por João Neto; a terceira, em 2010, por Matheus Ceará, e a última, em 2011, pelo “Quarteto em Rir”, grupo formado por Bené Barbosa (*Papudim*), Rogério Ribeiro, Marcos Aurélio e Juan de Dios.

<sup>4</sup> Até onde obtive informação, há quatro entidades dessas entre os humoristas hoje, no corrente ano de 2012. Nenhuma possui sede própria até o momento.

<sup>5</sup> “Tradição inventada”: quando é revestida de um caráter de antiguidade, na qual o passado é ritualizado e quando, simbolicamente, esse passado visa a reproduzir práticas antes realizadas, dando, assim, uma ideia de continuidade histórica em relação ao presente. (Ver HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997).

<sup>6</sup> Conferir o artigo de minha autoria intitulado “Rir e fazer rir: alguns apontamentos teóricos”. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/10754/5858>>. Acesso em: 9 jul. 2012.

## Referências

---

- ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. *O cajueiro do Fagundes*: episódio cearense. Fortaleza: Henriqueta Galeno; Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social, 1975.
- BAKHTIN, Mikhail. *Cultura popular na Idade Média e no Renascimento*: o contexto de François Rabelais. 4. ed. São Paulo: Hucitec; Brasília: EdUnB, 1999.
- BERGSON, Henri. *O riso*: ensaio sobre a significação do cômico. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- \_\_\_\_\_. *A economia das trocas lingüísticas*: o que falar quer dizer. São Paulo: Edusp, 1996.
- BREMMER, Jan; ROODENBURG, Herman (Org.). *Uma história cultural do humor*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- BRITO, Paulo Sérgio de. *O teatro de humor como elemento de sustentabilidade do turismo*: o caso de Fortaleza. 2006. 163 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos) – Centro de Administração/ Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2006.
- CAMINHA, Adolfo. *A Normalista*. Fortaleza: Diário do Nordeste, 1997.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1994.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: M. Fontes, 2007.
- GADELHA, Marcus. *Dicionário de ceares*: termos e expressões populares do Ceará. Fortaleza: Multigraf, 2000.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GIRÃO, Raimundo. *Vocabulário popular cearense*. Fortaleza: D. Rocha, 2000.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma*: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura*: um conceito antropológico. 20. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006.
- LIMA, Zilda Maria de Menezes. A cidade de Fortaleza na literatura do século XIX. In: SOUZA, Simone; NEVES, Frederico de Castro (Org.). *Comportamento*. Fortaleza: EDR, 2002. (Coleção Fortaleza: História e Cotidiano).
- MARREIRO, Flávia. Irreverência cearense: atualização e permanência. In: CARVALHO, Gilmar de (Org.). *Bonito pra chover*: ensaios sobre a cultura cearense. Fortaleza: D. Rocha, 2003.
- MARTINS, José de Souza. *A sociabilidade do homem simples*: cotidiano e história na modernidade anômala. São Paulo: Hucitec, 2000.
- MENEZES, Raimundo de. *Coisas que o tempo levou*: crônicas históricas da Fortaleza antiga. Fortaleza: D. Rocha, 2000.
- MONTENEGRO, Abelardo F. Ceará-Moleque. In: SÁ, Gildácio José de Almeida (Org.). *Interpretação do Ceará*. Fortaleza: Casa José de Alencar; Programa, 2001.
- OLIVEN, Ruben George. *Violência e cultura no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- PAIVA, Manuel de Oliveira. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Graphia, 1993.

- PENNA, Maura. *O que faz ser nordestino: identidades sociais, interesses e o “escândalo” Erundina*. São Paulo: Cortez, 1992.
- PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza belle époque: reforma urbana e controle social (1860-1930)*. Fortaleza: D. Rocha, 2001.
- PORDEUS JÚNIOR, Ismael de Andrade. Cearensidade. In: CARVALHO, Gilmar de (Org.). *Bonito pra chover: ensaios sobre a cultura cearense*. Fortaleza: D. Rocha, 2003.
- SCHWARCZ, Lilia M. Ser peça, ser coisa: definições e especificidades da escravidão no Brasil. In: \_\_\_\_\_; REIS, Letícia Vidor de Sousa (Org.). *Negras imagens: ensaios sobre cultura e escravidão no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1996.
- SILVA, Marco Aurélio Ferreira da. Uma Fortaleza de risos e molecagem. In: SOUZA, Simone; NEVES, Frederico de Castro (Org.). *Comportamento*. Fortaleza: EDR, 2003.
- SILVA NETO, Francisco Secundo da. *O Ceará moleque dá um show: da história de uma interpretação sobre o que faz ser cearense ao espetáculo de humor de Madame Mastrogilda*. 2009. 114 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.
- \_\_\_\_\_. Rir e fazer rir: alguns apontamentos teóricos. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 111, ano X, p. 112-119, ago. de 2010. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/10754/5858>>. Acesso em: 9 jul 2012.
- SÓLDON, Renato. *Ceará Moleque: humorismo cearense*. Fortaleza: Silveira Marinho & Cia, 1936. Acervo do setor de Obras Raras da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel.
- VIEIRA, Sulamita. *O sertão em movimento: a dinâmica da produção cultural*. São Paulo: Annablume, 2000.